

SOLIDÃO COLETIVA OU ISOLAMENTO INDIVIDUAL: OS PRÓS E CONTRAS DO ENREDAMENTO NA ALTA ERA DIGITAL¹

COLLECTIVE LONELINESS OR INDIVIDUAL ISOLATION: THE PROS AND CONS OF ENTANGLEMENT IN THE HIGH DIGITAL ERA

SOLEDAD COLECTIVA O AISLAMIENTO INDIVIDUAL: LOS PROS Y CONTRAS DEL ENREDO EN LA ALTA ERA DIGITAL

Edgard Luiz Bernardes Valderramas²

RESUMO: Na relação homem-máquina, percebe-se que o ponto de convergência entre os seres humanos e as máquinas ultrapassa o nível de abstração simplesmente pelo desfrute de recursos do primeiro em relação ao segundo, o que permite um entendimento “wineriano” desse conceito. É como se tratássemos o homem e a tecnologia como uma simbiose pura, um verdadeiro “*homo computatrum*” dos tempos modernos. O presente artigo, ao percorrer os domínios da tecnologia e a sua intersecção com a sociedade, busca trazer uma reflexão de como o enredamento está inserido no cotidiano das pessoas, definindo os atores deste cenário e traçando uma relação entre o que é isolamento individual e o que é solidão coletiva, procurando refletir sobre as relações entre a sociedade atual e a utilização das novas e impressionantes tecnologias que estão sempre ao alcance das mãos.

PALAVRAS-CHAVE: Isolamento. Solidão. Enredamento. Sociedade. Tecnologias.

ABSTRACT: In the man-machine relationship, it can be seen that the point of convergence between human beings and machines goes beyond the level of abstraction simply of enjoyment of the resources of the first in relation to the second, which enables a “winerian” understanding of this concept. It is as though we were treating man and technology as a pure symbiosis, a true “*homo computatrum*” of modern times. This article touches on the domains of technology and its intersection with society, seeking to offer a reflection on how entanglement is inserted in people’s daily lives, defining the actors of this scenario and drawing a relationship between individual loneliness and collective loneliness, and reflecting on the relationships between today’s society and the use of new and impressive technologies that are always within reach.

KEYWORDS: Isolation. Loneliness. Entanglement. Society. Technologies.

RESUMEN: En la relación hombre-máquina, se percibe que el punto de convergencia entre los seres humanos y las máquinas ultrapasa el nivel de abstracción simplemente por el disfrute de recursos del primero en relación al segundo, lo que permite un entendimiento “wineriano” del concepto. Es como si tratásemos al hombre y la tecnología como una

- 1 Trabalho apresentado à Revista Brasileira de Tecnologias Sociais (RBTS) – Segundo Semestre/2020.
- 2 Professor e mestre em Administração de Empresas pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutorando em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP edgard.valderramas@gmail.com.

Licença CC BY:
Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.



simbiosis pura, un verdadero “*homo computatrum*” de los tiempos modernos. El presente artículo, recorre los dominios de la tecnología y su intersección con la sociedad, busca traer una reflexión de como el enredo está inserido en el cotidiano de las personas, definiendo los actores de este escenario y trazando una relación entre lo que es aislamiento individual y lo que es soledad colectiva, buscando reflexionar sobre las relaciones entre la sociedad actual y la utilización de las nuevas e impresionantes tecnologías que están siempre al alcance de las manos.

PALABRAS CLAVE: Aislamiento. Soledad. Enredo. Sociedad. Tecnologías.

INTRODUÇÃO

...a sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e das facilidades de comunicação de que disponha; e de que, no futuro desenvolvimento dessas mensagens e facilidades de comunicação, as mensagens entre o homem e as máquinas, entre as máquinas e o homem, e entre a máquina e a máquina, estão destinadas a desempenhar papel cada vez mais importante (WIENER, 1970, p.16).

Com a superação da Sociedade Industrial pela Sociedade da Informação e o modo pela qual a informação hoje é produzida, processada, disponibilizada, impactada pela revolução digital e tendo seu valor agregado em termos financeiros, faz com que a infraestrutura informacional, notadamente os sistemas de informação, canais de comunicação e os profissionais específicos destas áreas, de informação e de comunicação que lidam com o tratamento deste capital abstrato, permeiem toda a cadeia de valor nesta sociedade moderna (BELL, 1974).

‘Solidão coletiva ou isolamento individual: os prós e contras do enredamento na alta era digital’ é o resultado de análises promovidas durante as aulas do programa de pós-graduação Tecnologias de Inteligência e Design Digital (TIDD-PUC-SP) e as constantes abordagens sobre o acoplamento das tecnologias e os seus impactos na sociedade do mundo moderno. Promove um adensamento da discussão sobre esse tema, buscando sempre a interdisciplinaridade de ideias entre vários autores, como Armand Mattelart, Manuel Castells, Norbert Wiener, Bruno Latour, Brian Primack, Pierre Lévy, Lúcia Santaella, Martha Gabriel, Pollyana Ferrari, Sergio Basbaum, entre outros.

O presente trabalho está subdividido em três eixos: o primeiro, como a sociedade atual está altamente enredada digitalmente e quais as suas origens e consequências; o segundo, como o “*homo computatrum*” convive nesse cenário de enredamento e quais as suas relações sob o olhar do seu envolvimento como “homem-máquina”; e, finalmente o terceiro, considerações sobre os prós e contras desse isolamento individual e dessa solidão coletiva por meio de algumas constatações e sentimentos.

O REDESENHO DA SOCIEDADE POR MEIO DO ALTO ENREDAMENTO DIGITAL

Mattelart (2002) apresenta um percurso histórico no qual representa o avanço da sociedade. Em linhas gerais, pode-se representá-la como, num primeiro momento, a sociedade inspirada pela mística do número, cujo foco era os métodos matemáticos; no segundo, a sociedade como indústria com o poder da técnica; e, no terceiro, a sociedade das redes, buscando a universalização até a sociedade da informação com o paradigma das tecnologias de informação e comunicação. Na sociedade da informação, a informação é utilizada intensivamente como elemento da vida econômica, social,



cultural e política (MORE, 1999), de modo que seja informacional e global, porque a produtividade e a concorrência são geradas em uma rede global de interação (CASTELLS, 1999).

A internet, da forma se como conhece, popularizou-se a partir dos anos 1990 e várias redes sociais e portais de comunicação surgiram a partir daí, forçando as mídias tradicionais a darem espaço a um novo desenho do mundo cotidiano, com outras narrativas que não as mesmas produzidas pelos meios de comunicação tradicionais. As ferramentas, como blogs, redes sociais, apps, que permitem o compartilhamento instantâneo de mensagens, vídeos, áudios e outras formas possibilitadas pela internet, foram cruciais para esse redesenho.

Em 2001 já percebíamos uma crise nos modelos de negócio da Comunicação, mas o Facebook, por exemplo, nem existia e o Google era embrionário. Quem iria supor que em 2016 eles seriam dois titãs ditando regras globais de uma comunicação focada no tempo presente e no engajamento? (FERRARI, 2016, p. 110).

A *World Wide Web* (WWW) abarcou de uma forma tão profunda, independentemente da área do conhecimento humano, que se se quiser entender melhor o seu impacto e a alta adoção no dia a dia das pessoas e as suas consequências, dever-se-ia cada vez mais compreendê-la em sua essência, pois a *web* vem transformando a sociedade e reescrevendo a história, caracterizando as novas redes, desde a humana, a tecnológica e a social, o que tem motivado a pesquisa interdisciplinar para avançar a compreensão destes sistemas e a consolidação deste pensamento.

No terreno da comunicação e do envolvimento das pessoas para se informar ou entreter, por exemplo, dominar as diversas possibilidades tecnológicas que se apresentam disponíveis, os recursos técnicos e aplicativos, as novas plataformas digitais, parece ser uma tendência, um curso natural do processo de desenvolvimento e produção cultural, revelando-se como um incremento e um elemento de potencialização desse processo.

A comunicação contemporânea se encontra em uma constante transformação e os atuais aparatos tecnológicos se tornam primordiais neste debate, unindo-se a eles as pessoas e os meios de comunicação, sabendo-se que estes meios de comunicação das redes sociais digitais são um desses aparatos compostos essencialmente por dois elementos singulares: as chamadas máquinas lógicas computacionais e a internet.

De acordo com Lévy (2000), o fenômeno surge da expansão do processo de distribuição e da difusão da informação alavancada pelo elo da informática com os processos de telecomunicação. Isso deu origem às redes de transmissão, acesso e troca de informações que conectam o mundo inteiro atualmente, constituindo novas formas de socialização e de enredamento.

Santaella (2003) afirma que uma vez conectado às redes sociais, o computador permite que as pessoas troquem mensagens entre indivíduos ou em grupos, tenham acesso às informações públicas contidas nos computadores participantes da rede, desenvolvam amizades, cooperações, entre outros. Além disso, essa cultura tem natureza heterogênea, pois usuários acessam sistemas de diversas partes do mundo, interagindo com pessoas e culturas diferentes.

As relações sociais, a autoidentidade dos sujeitos na contemporaneidade e o sentido de vida social estão sendo mediados pela tecnologia computacional. O celular, o computador e diversas outras formas eletrônicas da extensão humana se tornaram essenciais à vida social (SANTAELLA, 2003)

As plataformas digitais incorporadas ao nosso cotidiano são alternativas para o processo comunicativo, além de vislumbrarem novos horizontes e possibilidades para colocarem as pessoas em novos e inimagináveis patamares.

Segundo Gabriel (2010), as principais características das plataformas digitais são: possuem grande capacidade e flexibilidade de se adaptarem à troca de informações pelas pessoas ou organizações; a organização de seus conteúdos possibilita serem encontrados facilmente; agregam conteúdos e serviços; podem ser abertas ou fechadas e podem oferecer um conteúdo diferenciado com melhor qualidade.

Consideradas como as formas de comunicação que mais crescem e se propagam mundialmente, as redes sociais modificam comportamentos e relacionamentos. A rede social é uma estrutura social composta por indivíduos ou empresas, denominados de nós, conectados por um ou mais tipos específicos de interdependência, como amizade, parentesco, proximidade e afinidade. Dessa forma, tanto *on-line* quanto *off-line*, existem diversos tipos de redes sociais (GABRIEL, 2010).

Vê-se, por um lado, que a adoção massiva das plataformas digitais demonstra uma convergência para o digital, com um novo comportamento por parte do sujeito que interagia com a informação em papel e agora vê novas possibilidades com o suporte eletrônico, que, conforme Lévy (2000), possui na virtualidade uma potencialidade superior, alargando as fronteiras do tempo e do espaço.

Essas tecnologias compreendem dinamicidade, virtualidade, interatividade, persuasão, ubiquidade e disseminação, quando comparadas com as tecnologias anteriores e que aprenderam a coexistir, complementando umas às outras.

Tomemos o cotidiano mais imediato: trabalho, lazer, afetos. Não é preciso que se faça grande esforço para perceber, já que se manifesta por toda a parte, a onipresença dos aparatos digitais. Emprega-se o computador para toda e qualquer atividade profissional – o designer, o professor, o preparador físico, o administrador, o estudante, o filósofo... (BASBAUM, 2016, p. 262).

De acordo com Jenkins (2016), a indústria da mídia de massa ainda está aprendendo a incorporar aspectos de um público mais participativo e engajado em discussões políticas, econômicas e sociais, até pela facilidade desse público de expor as suas opiniões, críticas e sugestões, pela capacidade de divulgar e mobilizar o seu público e de se articular por meio das chamadas mídias sociais, levando-se em conta que um conteúdo pode fluir de uma rede pessoal para um fórum maior com apenas um clique do *mouse*.

Castells (2013) descreve em seu livro 'Redes de Indignação e Esperança' alguns exemplos de como a internet e as suas plataformas digitais podem ser utilizadas como forma de mobilização de pessoas. Fenômenos assim somente são possíveis se um conjunto de fatores for favorável aos protestos, independentemente de suas causas ou origens, podendo ser o clamor pelo pão, liberdade ou justiça, pela redução do preço da passagem de transporte coletivo ou pela indignação contra a violência, tudo isso graças à grande adesão das pessoas ao possuírem um celular/ *smartphone* e mesmo tendo contas em redes sociais como o Facebook, com o compartilhamento de eventos e vídeos, pessoas assumindo o papel de *trendsetters*, por meio do Twitter, que possui plataforma tecnológica para essa finalidade, além das chamadas redes sociais *off-line*, que facilitaram a disseminação de panfletos nas favelas, por exemplo.



ISOLAMENTO INDIVIDUALIZOU SOLIDÃO COLETIVA

O talento molda-se na solidão; o carácter, na convivência. (JOHANN WOLFGANG VON GOETHE, 1749-1832).

De partida, para se iniciar essa discussão sobre o isolamento individual nos dias atuais, primeiro, é preciso voltar ao tempo, quando não existia aparelhos celulares, computadores, internet, às vezes nem televisores, e o contato entre pessoas e a sua família e seus amigos era presencial, as brincadeiras de rua envolviam as crianças e os adultos conversavam no portão. Está-se vivendo uma época marcada pelo imediatismo, pela liquidez das relações, pelo afastamento físico, pelo isolamento em um mundo totalmente individualizado.

Para se compreender melhor este paradigma, resgatou-se Bauman (2004), que descreve que as relações humanas estão se tornando cada vez mais flexíveis e se tangenciando como um objeto de consumo, estando cada vez mais rápidas, fáceis e descartáveis. A modernidade líquida sinaliza tempos em que nada permanece por muito tempo, as emoções não perduram e desaparecem rapidamente, expondo as fragilidades dos laços humanos gerados pela vida cotidiana e criando uma cultura consumista. Surge o conceito do uso imediato, do prazer passageiro, da satisfação instantânea, gerados pela mudança das relações entre os homens, a era da informação e da internet, que trouxeram uma espécie de interação superficial entre as pessoas, na qual o virtual passou a ser mais importante que o real, por ser mais confortável do que a realidade.

Vive-se em uma era digital, cujo advento da internet trouxe para o indivíduo uma nova forma de se relacionar com o mundo: a notícia na hora, o *e-mail*, as redes sociais de todos os tipos, as videoconferências, o compartilhamento instantâneo de fotos, as imagens, entre outros. De acordo com Miller (2017), não se sabemos o que veio antes: o uso de redes sociais ou a sensação de isolamento social. Psicólogos americanos acreditam que as redes sociais fazem com que o indivíduo se sinta mais solitário, baseados em uma pesquisa publicada no Periódico Americano de Medicina Preventiva em 2017, na qual apontam que acessar os *sites* de redes sociais, como Facebook, Twitter e Snapchat, por mais de duas horas por dia, aumenta a possibilidade de o indivíduo se sentir sozinho.

De acordo com Primack (2017), as redes sociais criam oportunidades de socialização, mas o seu efeito não é o esperado, alegando que, apesar de se ser criatura social, a vida moderna tende a isolar, em vez de aproximar. As pessoas procuram a redes sociais como forma de fugir da solidão, mas ao se aprofundarem ou afundarem nas redes sociais por meio de seus aparelhos celulares, computadores, fazem com que o indivíduo entre em um mundo de solidão, em que são despertados diversos sentimentos, como a inveja, a incapacidade, a imposição da moda e dos padrões físicos, as diferenças sociais, assim aumentando o isolamento do indivíduo.

Ivone Patrão (2017) afirma que essa geração corre o risco de se tornar jovens adultos, adultos não socializados, sem projeto de vida, que não trabalham, não estudam, que não conseguem cortar o cordão umbilical no sentido da autonomia. A psicóloga cita que os bebês já nascem querendo mexer nas coisas, porque têm a necessidade do toque, mas questiona por que se dá e eles apenas *smartphones* e *tablets*.

O isolamento social sempre ocorreu na história, gênios viveram isolados, mestres passaram longos períodos isolados para depois ensinarem os demais. Mas isso foi em uma época em que não existia a tecnologia, o mundo virtual, em que a grande massa se isolou em seus aparelhos tecnológicos, não

se torna gênio e nem mestre para dissipar o conhecimento, podendo se tornar pessoas doentes. Os mais jovens aprenderam a utilizar os dispositivos móveis, tornando uma extensão do seu próprio ser, não se comunicando sem os *smartphones*, mesmo em grupos as conversas acontecem pelas redes sociais. A comunicação escrita ganhou uma linguagem própria. Seria correto dizer que esses jovens estão desaprendendo a escrever?

Os adolescentes do século XXI, conectados e multiatarefados, autônomos, mas preocupados com a opinião de seus colegas, não representam um grande salto para a inteligência humana, o pensamento global ou a cidadania em rede. Os jovens usuários da Internet sem dúvida aprenderam mil coisas novas. Fazem uploads e downloads, navegam e batem papo virtualmente, postam e criam designs, mas não aprenderam a analisar um texto complexo, a armazenar fatos em sua cabeça, a compreender uma decisão de política, externa, a aprender com a história ou a escrever corretamente. Sem nunca terem reconhecido sua responsabilidade em relação ao passado, eles abriram uma fissura em nossos alicerces sociais, e isso fica claro em sua transição para a vida adulta e para a cidadania. (TAPSCOTT, 2010, p. 14).

Alguns aplicativos permitem que se possa comunicar com pessoas independentemente da distância e a qualquer momento, mas uma mensagem é fria, dificilmente será interpretada corretamente, não há expressão física ou tonalidade na voz, que possa expressar sentimento. Outro viés importante, através de redes sociais, a mensagem que se expõe sempre é a mais positiva, ocultam-se os aspectos negativos, em que se tem a impressão de que as vidas dos outros são mais emocionantes, felizes que a nossa. Tudo isso pode ocasionar uma avalanche de sentimentos, entre eles, a tão medonha ansiedade, a baixa autoestima, a procura pelo isolamento, por não se sentir pertencente àquele grupo.

O livro “A espiral do silêncio”(1993), de Elizabeth Noelle-Neumann, apesar de escrito na década de 80, nunca foi tão atual. Como cientista política, ela formulou a teoria da espiral do silêncio, após pesquisas eleitorais na Alemanha. A autora acredita que as pessoas fogem do confronto, que ousar dizer o que pensam pode ser um comportamento de risco, as pessoas preferem ficar caladas e isoladas e, com medo de serem isoladas dos grupos sociais, adotam uma conduta imitativa. O isolamento vai além do relacionamento, mas também ao político.

OS PRÓS E CONTRAS DO “HOMO COMPUTATUM”

Em um processo de ubiquidade e persuasão dos processos tecnológicos, pode-se compreender que as tecnologias estarão inseridas no cotidiano das pessoas de uma maneira cada vez mais alargada e praticamente quase que irreversível. Com o advento da Covid-19, então, esse processo se potencializou no mundo globalizado, passou-se a viver em um mundo de “telas” e se deve acostumar com isso. As pessoas fazem reuniões, participam de aulas, fazem consulta médica, revisitam pessoas amadas, controlam temperatura do ar-condicionado, entre tantos outros exemplos que poderiam ser citados, por meio de suas relações com a tecnologia que possuem. A engrenagem não parou de funcionar, apenas se adaptou a uma nova realidade.

Portanto, concorda-se com a filosofia da mente do filósofo Andy Clark (2004), que apresenta a ideia que não é necessário que o homem implante câmeras, *chips* ou sensores, pois este já incorpora ferramentas que ampliam a sua mente, redefinindo o seu conceito, que a liberta dos limites da caixa



craniana e a estende até os limites da ação humana, abarcando corpo, cérebro e mundo.

Assim como em uma simbiose plena do homem que tocava o piano, percebe-se o aparecimento do pianista, não se terá em outro dado momento do homem que controla, que opera, que é controlado pela tecnologia, o aparecimento do “*homo computatrum*”?

...habituar-se a um chapéu, a um automóvel ou a uma bengala é instalar-se neles ou, inversamente, fazê-los participar do caráter volumoso de nosso corpo próprio. O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 199).

Não se pode mais imaginar uma sociedade composta apenas por seres humanos que interagem entre si, mas que a mesma vai abarcar de forma natural os humanos e as máquinas. Bruno Latour (2005), nesse sentido, faz uma importante contribuição simplesmente reconhecendo que o social é montado por interações de atores humanos e não humanos e atribuindo agência a objetos inanimados.

O que antes parecia ser apenas um processo de inclusão para o entreter, como no caso do Twitter, que o que importa é ter milhares de seguidores, as mídias digitais assumiram um papel de interventor político e acabam por se miscigenar na indústria do entretenimento contemporânea, com processos de “customização” e “interatividade” que são certamente práticas de convergência e que permitem a intervenção do consumidor.

Jenkins (2009) tornou-se um referencial tanto na academia quanto no mercado, atestando a existência da cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e que a cultura de fãs e suas intervenções na indústria de entretenimento se convertem em uma relação simbiótica, reconhecendo a inspiração do conceito de inteligência coletiva de Lévy e da expressão cultura participativa.

Acredita-se que não existam elementos suficientes para que se julguem as relações entre humanos e não humanos, como foi proposto neste trabalho, de forma final e se essa relação é mais ou menos prejudicial ou mais ou menos vantajosa. Como demonstrado, existem diversas vantagens no uso intenso da tecnologia, como exemplo, até para continuidade das atividades em tempos de Covid-19; mas também existem vários problemas de ordens sociais e de comportamentos que devem ser observados. O segredo pode estar no balanceamento entre ambos, no olhar crítico de que não se pode evitar o que está para nós, ao nosso alcance, mas também não se pode render de forma que prejudique as relações humanas de uma boa convivência entre as pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de uma nova arquitetura de mídia: moderna, arrojada, despojada e, principalmente, que tende ser mais acessível a todos, redesenha os velhos preceitos culturais de comunicação pelos seus usuários. Considerando-se o fato de que a pluralidade na forma de criar, propagar e absorver os conteúdos permite uma maior democracia desse novo público ao se comunicar, gerado por esse novo cenário, permite uma maior liberdade de escolha entre as diferentes possibilidades disponíveis.

Entende-se que o binômio facilidade e possibilidade desperta o interesse e o envolvimento de toda uma nova sociedade, que em vez de estar ancorada em velhos ditames culturais e éticos, parte para uma nova jornada de conhecimento e de experiência inigualáveis.



“Acesso é a possibilidade de fazer o que todos podem fazer e de usar o que todos usam; acesso é a liberdade de aproveitar todos os recursos.” (WURMAN, 2005, p. 21)

Jeremy Rifkin, em seu livro “La Era del acceso” (2000), pontua uma preocupação em como construir um equilíbrio balanceado entre os âmbitos comercial e cultural, e habilidade para controlar e vender pensamentos, os quais serão, provavelmente, os desafios mais importantes desta era do acesso.

De toda forma, essa conjunção de elementos também traz consigo uma nova experiência que foi relatada por este trabalho e que se preocupa com a linha tênue que existe entre o envolvimento socioemocional com as redes, por meio de cultura, trabalho, aprendizagem e a sua utilização como refúgio de emoções, de falsas identificações com a realidade, como se driblasse o mundo real com a criação de um novo personagem ou de um verdadeiro avatar projetado nas mídias sociais e alimentado pela crença do que é melhor e do que é certo, não se preocupando com as cicatrizes emocionais e/ou sociais que essa projeção possa trazer na formação do indivíduo como ser humano, como pessoa responsável para dar continuidade aos preceitos da existência humana.

Para estarmos juntos **não é** necessário estarmos perto, mas para estarmos distantes também não é necessário estarmos longe. O mais importante é o sentimento que nos une ou nos separa. (VALDERRAMAS, 2020).

A academia, que é o ambiente usual para a discussão desta miríade de ideias e pensamentos, é indispensável para a reflexão desse novo cenário. Assim, este texto buscou identificar as noções básicas de análise e alimentar novos estudos em torno de um tema tão importante, que é a composição destes dois elementos: o homem e a máquina.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadoria**. São Paulo: Jorge Zahar, 2008.
- BASBAUM, Sérgio R. **O primado da percepção e suas consequências no ambiente midiático**. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016.
- BELL, Daniel. **O advento da Sociedade Pós-Industrial**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- BERNERS-LEE, Tim; Hall, Wendy; Hendler, James; Weitzner, Daniel; Shadbolt, Nigel. **Web Science: An Interdisciplinary Approach to Understanding the Web**. 2008.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo, 10ª. Ed., Paz e Terra, 2013.
- CLARK, Andy. *Natural-Born Cyborgs: Minds, Technologies, and the future of Human Intelligence*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ESTUDOS NACIONAIS. **O Monstro do isolamento social**. Disponível em: <https://www.estudosenacionais.com/5541/o-monstro-do-isolamento-social/>. Acesso em: 1.jun.2020.
- FERRARI, Pollyana. **Comunicação digital na era da participação**. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.
- GABRIEL, Martha. **Marketing na era digital: conceitos, plataformas e estratégia**. São Paulo: Novatec, 2010.



GEHARDT, F. **PLATAFORMAS DIGITAIS**: um estudo sobre a interação e interatividade presentes nos meios digitais utilizados pela Wave Academia. Trabalho apresentado no IJ02 – Publicidade e Propaganda do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 04 a 06 de junho de 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2015.

LATOURE, Bruno. **Reassembling the Social**. Oxford University Press: New York, 2005.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MATTELART, Armand. **História da Sociedade da Informação**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MILLER, Elizabeth. **Redes sociais aumentam sensação de solidão, diz estudo**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-39178058>. Acesso em: 4.jun.2020.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **The Spiral of Silence: Public Opinion, our Social Skin**. 2nd. Edition. University of Chicago Press. Chicago, 1993.

NOTÍCIAS MAGAZINE. **Geração cordão**. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2017/geracao-cordao/historias/28198/>. Acesso em: 1.jun.2020.

OBSERVADOR. **Solidão na era digital nunca estivemos tão conectados e tão sós**. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/solidao-na-era-digital-nunca-estivemos-tao-conectados-e-tao-sos/> Acesso em: 1.jun.2020.

PATRÃO, Ivone. **Geração cordão: a geração que não desliga!**. São Paulo, Pactor, 2017.

PEREIRA, Vinicius A. **Entendendo McLuhan – da Aldeia à Teia Global**. 1. ed. São Paulo: Meridional, 2011.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

REVISTA GALILEU. **Redes sociais aumentam nossa solidão**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/06/redes-sociais-aumentam-nossa-solidao.html>. Acesso em: 1.jun.2020.

RIFKIN, Jeremy. **La Era del Acceso**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000.

ROCKEMBACH, M. **Evidência da Informação em plataformas digitais: da reflexão teórica à construção de um modelo**. Informação Arquivística, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 1, p. 89-109, jan./jun., 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

VEJA ABRIL. **O ambiente está alterando nosso cérebro de forma inédita diz neurologista britânica**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/o-ambiente-digital-esta-alterando-nosso-cerebro-de-forma-inedita-diz-neurologista-britanica/> Acesso em: 1.jun.2020.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1984.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de Informação 2: Um Guia Para Quem Comunica e Dá Instruções**. São Paulo: Editora de Cultura, 2005.